

DE FILHO PARA FILHO

1908-1927

“De onde vem o dinheiro?” Esse é o título de um artigo recordado com cuidado do *L'Écho de Paris*. Quando entramos no quarto de Henri aos onze anos, é impossível não vê-lo colado no espelho de madeira dourada como em provocação. Estamos na casa dos Cartier-Bresson logo depois da Primeira Guerra, um prédio da época de Haussmann no nº 31 da Rue de Lisbonne, no limite do Parc Monceau, na divisa entre o 8º e a melhor parte do 12º *arrondissement* de Paris.

“De onde vem o dinheiro?” Essa pergunta o obcecará por toda a vida. Como se houvesse algo de intrinsecamente sujo, impuro e imoral no dinheiro. Ver um carro de luxo na rua, cruzar com uma mulher usando jóias raríssimas numa recepção, flagrar uma pessoa importante chamando com estridência sua criadagem – basta isso para ele se questionar sobre a origem desse poder. A riqueza também não precisa ser espetacular para constrangê-lo. Discreta, ela é ainda mais pífida. É assim, o dinheiro incomoda.

De tanto ouvir seus pais se queixarem do custo de vida, de o incentivarem à prudência em todos os tipos de despesas e velarem pela frugalidade na alimentação, Henri fica convencido da ruína

deles. E não sem motivos: não cometem excessos no estilo de vida, não têm dinheiro na carteira, não dão presentes, a não ser no Natal e nos aniversários, não tiram férias, exceto as visitas aos avós... Tudo o que poderia parecer ostensivo é banido dessa sociedade na qual as crianças são educadas no culto do valor das coisas. No castelo, as cortinas estão sempre cuidadosamente fechadas para que nada seja visto da estrada. Na verdade, o adolescente não faz idéia da fortuna da família. É que na casa desses republicanos convictos, considerados católicos de esquerda, não se fala “nisso”. Por causa da vergonha que seus pais sentem de seus bens, ele por muito tempo sentirá uma culpa velada em relação às classes desfavorecidas. Uma vida inteira não será suficiente para dissipá-la.

Em Cartier-Bresson, há o lado Cartier e o lado Bresson. Nada como um sobrenome composto para expressar a dupla origem de uma família. O registro civil só o oficializará em 1901. Mas os dois lados não esperaram o sacramento administrativo para se fazerem um só.

O primeiro dos Cartier é um lavrador de Silly-le-Long, no Oise, descendente de uma antiqüíssima família de agricultores que possuíam boas terras a norte de Roissy. Sua família vinha de Noyers-sur-Serein, no norte da Borgonha, ao lado de Avallon. Parece que a grande sorte de sua vida fora fornecer com regularidade o feno para os cavalos de comerciantes parisienses, os Bresson...

Antoine, o primeiro Bresson, já vendia filamentos de algodão torcidos e fiados em Paris durante a Revolução. É por causa dele que a tradição familiar não passa despercebida. De mercado em mercado, ele acaba se instalando no de Saint-Germain. Depois de sua morte, a loja de tecidos é retomada por sua viúva e depois ampliada por seus filhos. De endereço em endereço, ela prospera na Rue Saint-Denis.

Os Bresson e os Cartier realmente começam a criar laços mais estreitos quando os primeiros entregam suas crianças a amas dos segundos. Era comum, na época, que a cidade cedesse ao campo a criação dos bebês. Mas era mais raro que essa transferência de responsabilidade estivesse sujeita a uma troca de favores. É o caso aqui, pois o pai Cartier não demora em colocar seus dois filhos como

aprendizes na loja Bresson em meados do século XIX, quando esta lança bobinas de fios para costura no mercado. Os dois casam com filhas do patrão e não se fazem de rogados para que sua condição de genros fosse elevada à de associados. Essa perspectiva já fora cogitada pelo velho pai Bresson, uma vez que, quando Claude-Marie Cartier perdera prematuramente a mulher, logo se casara com sua jovem cunhada. Coisas que aconteciam sob a autoridade de um patriarca satisfeito em ver uma família de comerciantes se transformar numa dinastia de industriais.

A casa de comércio começa a adquirir um verdadeiro estatuto de empresa com a aquisição de máquinas a vapor destinadas à fabricação do fio de algodão. O Segundo Império ainda está a meio caminho.³ Nesse momento, a Sociedade Francesa de Algodão de Costura passa a ter dois endereços: um parisiense, no Boulevard de Sébastopol, onde são feitas as vendas, e outro no subúrbio, onde fica a fábrica.

A usina foi erguida em Pantin, cidade escolhida por suas facilidades de comunicação com as filiais do leste. Ela está localizada ao longo da Rue du Chemin-Vert, transformada antes do fim do século em Rue Cartier-Bresson, o que não poderia deixar de acontecer, visto seu império no local: 23 mil metros quadrados e uma média de 450 empregados, com picos nos anos prósperos e cortes nos demais. Ali, não se trabalha o algodão bruto, mas o algodão para coser, para bordar, para cerzir, para tricotar, bem como para fabricar laços. Para facilitar, ainda que de maneira errônea, fala-se em “fiação Cartier-Bresson”, porém a sociedade se dedicava a todas as outras operações algodoeiras com exceção justamente dessa. O que era, afinal? Um local para lavar, tingir, retorcer e colocar os fios em bobinas.

Apesar de logo se tornarem capitães de indústria, os dirigentes da manufatura de Pantin não perdem o espírito paternalista. Empregam tanto seu próprio pessoal, bastante jovem e sobretudo feminino, quanto instalam a própria casa e o pomar no meio da fábrica. Quando se trata de fazer boas obras, os Cartier-Bresson não poupam despesas. Creche, escola, asilo, igreja... É o mínimo que patrões impregnados da moral cristã podem oferecer a empregados desestabilizados pelos efeitos da revolução industrial sobre

3. Segundo Império Francês: regime bonapartista de Napoleão III, que vai de 1852 a 1870. (N.T.)

as famílias. Tudo o que reúne é bom a olhos que se assustam ante o espectro da dispersão, considerada uma conseqüência direta do triunfo da técnica.

Na França do início do século XX, Cartier-Bresson é um nome ilustre, pois é sinônimo de uma marca muito conhecida. Não existe lar onde não se encontrem os novelos de fio para bordar ornados com a etiqueta da loja, na qual se vêem uma mãe e uma filha entregues a seus trabalhos de costura, sob a inscrição “Cartier-Bresson, fios e algodões ‘À la croix’, cores sólidas”. No centro, as iniciais C e B estilizadas, dispostas numa oval com contorno de fita e separadas por uma cruz. Mais do que uma sigla, este é o verdadeiro brasão desses grandes burgueses.

Apesar de batizado com o nome do avô paterno, Henri Cartier-Bresson puxou muito mais à sua mãe. Dizem que ele se parece com ela, por sua beleza, sua sensibilidade e seu caráter. Ou melhor, Henri é filho de uma normanda. Descendente de uma velha família de Rouen, dona de uma grande propriedade no vale que acabava em Dieppe, Marthe – nascida Le Verdier – é uma mulher de graça superior. Seus retratos, tirados por Boissonnas e Tapenier no ateliê da Rue de la Paix, revelam um porte, um aspecto, uma elegância e um brilho naturais. Nervosa, sempre cheia de dúvidas, ela podia ficar absorta em suas leituras por dias inteiros e só sair para se sentar ao piano.

Ela se orgulhava de prestigiosos antepassados, à frente dos quais figuravam a irmã do grande Corneille, Charlotte Corday – que afogara Marat antes de subir ao cadafalso –, assim como um par de França, prefeito de Rouen, tesoureiro de sua filarmônica e amigo do eremita de Croisset.⁴ O jovem Henri cresce em meio a essas recordações. Bem mais tarde, ao medir o caminho percorrido, perceberá que, chegado ao fim, identificava-se à perfeição com aquilo que José Maria de Heredia escrevera um dia sobre Maupassant:

Pertence à grande linhagem normanda, da estirpe de Malherbe, Corneille e Flaubert. Como eles, tem o gosto sóbrio e clássico, a

4. Trata-se de Gustave Flaubert, que se recolheu a essa cidade por longos anos. (N.T.)

bela harmonia arquitetônica e, sob essa aparência regrada e prática, uma alma audaciosa e atormentada, aventureira e inquieta.

A Normandia de Cartier-Bresson é tanto história quanto geografia, uma região com muralhas de falésias calcárias e um planalto de argila de sílex e limo fértil, o Pays de Caux. Sua infância no departamento de Seine-Inférieure, terra dos avós maternos, é mais assombrada do que embalada pela atmosfera misteriosa do porto de Rouen, pelos vultos esperando no cais, pelo movimento enigmático dos navios do fim do mundo, pelos marinheiros se balançando na popa dos cargueiros da Libéria, pela mitologia das tabernas enfumaçadas.

No casal Cartier-Bresson, Marthe é a intelectual, a musicista, a meditativa. André, seu marido, é completamente diferente, por inclinação natural e por força das circunstâncias. Esse homem severo, de uma correção que chega à rigidez, é antes de tudo um homem de princípios, tornando-se assim desde muito jovem, devido à morte de seu pai. Ocupado demais com suas responsabilidades familiares para se entregar à vida das idéias, ele escolhera a Escola de Altos Estudos Comerciais para ter acesso mais rápido à direção geral da empresa. Não deixava de ser um homem de gosto, só que toda a sua sensibilidade artística se concentrara no desenho, na pintura e no mobiliário. Ele voltara com três cadernos cheios de desenhos de uma viagem de volta ao mundo para estudar mais de perto a evolução da indústria algodoeira. No entanto, quando seu filho insistia para que contasse alguma coisa sobre o resto do mundo, ele invariavelmente respondia com a mesma frase: “Aqui, em Fontenelle, há o mais belo pôr do sol...”

De tanto ver o pai passar a maior parte de seu tempo fechado no escritório, inclusive em casa, Henri desenvolve uma franca aversão pelo mundo dos negócios. Mesmo com o pai presente, tudo acontecia como se ele estivesse ausente. Para haver cumplicidade entre os dois, era preciso um pretexto artístico, como a seleção de amostras de cores.

Henri, o mais velho de cinco filhos, é normando até em sua preocupação incorrigível de se fazer passar por siciliano, e portanto mediterrâneo, pois fora concebido, ou melhor, desejado, em Palermo, onde seus pais haviam passado a lua-de-mel. É normando

também na maneira como se assemelha tanto a um quanto a outro, acompanhando sua mãe na flauta quando ela toca piano e seu pai à floresta quando ele vai caçar. Justa divisão de tarefas e prazeres, mesmo se sentindo naturalmente mais próximo à mãe. Nessas grandes famílias burguesas, a mãe segue de perto a educação dos filhos, mais ainda quando sutis afinidades e evidentes semelhanças os aproximam. Sua influência é determinante.

Muito jovem, Henri manifesta um traço de caráter de que nunca conseguirá se desvencilhar, se é que um dia tentou fazê-lo: a raiva. Quando fica exasperado com alguém, e mesmo quando apenas contrariado com o curso de acontecimentos que não se curvam a seus desejos, ele não consegue se controlar. É capaz de rolar pelo chão e bater a cabeça contra as paredes sem que, curiosamente, surjam galos. Seu avô, que vê nisso apenas uma manifestação de intolerância, fica convencido de que o menino será o ovelha negra da família.

Sua mãe o leva com frequência a concertos, tanto por gostar de música de câmara quanto para impedi-lo de morder suas irmãs Denise e Jacqueline. No nível das emoções, os dois estão em perfeita harmonia, apesar de ele se sentir invadido por um sentimento inebriante ao escutar uma peça de Debussy, e ela chorar com as sonatas de César Franck. É ela também quem o faz percorrer as galerias do Louvre à procura do que eles ainda não conhecem. É ela ainda quem definitivamente lhe passa o gosto pela poesia, confiando-lhe, com o mesmo cuidado que teria com um missal, um dos pequenos volumes de poemas que sempre carrega na bolsa. É ela, por fim, quem lhe mostra o *Cântico dos cânticos* durante a missa, na esperança de aproximá-lo do lado espiritual, já que ele não compartilhava de suas convicções. Na maioria das vezes, ela se lamenta:

– Meu pobrezinho! Se você tivesse um bom confessor dominicano, não estaria assim...

Depois, como se já não estivesse resignada, ela ainda lhe dá para ler os filósofos pré-socráticos, ou o segundo romance de Roger Martin du Gard, no qual o herói, Jean Barois, somente às vésperas da morte recupera a fé de seus ancestrais, perdida durante uma crise existencial por volta dos quinze anos...

Tudo em vão. Esse anticonformista de corpo e alma nunca terá fé. Ele está intimamente convencido de que o homem inventou

Deus, e não o contrário. Nunca mudará de opinião. Cedo atraído pelo paganismo e pela mitologia grega, sente-se sufocado no ambiente familiar, cercado por certezas que lhe pesam ainda mais por só querer acreditar na dúvida acerca de tudo.

Seu mundo consiste primeiro nos lugares de sua infância. Um deles é Chanteloup, uma comuna bastante próxima de Marne-la-Vallée. Fora ali que ele nascera, no castelo da família; os moradores das cidades preferem dar à luz no campo, prática ainda corrente no início do século. Contudo, ele só volta para lá nas férias de verão, passadas com os avós. Há também Rouen e seus arredores, onde ele se encontra com os outros avós nos demais feriados. Porém, seja em Seine-Supérieure ou em Seine-et-Marne, na comuna de Saint-Saëns com os Le Verdier, ou em Fontenelle, perto de Lagny, com os Cartier-Bresson, sua infância é passada de castelo em castelo. Por último há Paris, sua casa.

Apesar de sua fortuna, os Cartier-Bresson não são proprietários, mas sim locatários do enorme apartamento que ocupam no nº 31 da Rue de Lisbonne. Seria desperdício imobilizar capital fora da empresa. Para esses grandes burgueses que não têm muita noção de investimentos, o tamanho diminui à medida que as exigências econômicas do novo século tomam forma.

O adolescente vive entre um mordomo de suíças que o chama de “Senhor Henri” e amas vindas de Londres ou da Irlanda que lhe ensinam o inglês desde cedo. A rua em que mora não poderia ser mais residencial. Seus moradores se orgulham com a presença, por trás das fachadas vizinhas dos palacetes mais imponentes, de personalidade como os Martell, o barão Empain ou Albert Guillaume, o caricaturista dos elegantes da cidade. Mas o bairro fica gravado em sua memória por outras imagens.

Há a plataforma em vigas de ferro da grande ponte acima dos trilhos da Gare Saint-Lazare, de tal maneira transfigurada por Gustave Caillebotte que não sabemos mais, a cada vez que ali voltamos, se vemos uma mera ponte metálica na Place de l'Europe, ou uma fronteira invisível entre o mundo dos ricos e o dos explorados, entre a vida em sociedade e a solidão na cidade. Há uma loja de móveis Ruhlmann, na própria Rue de Lisbonne, cujas marchetarias são tão inesquecíveis quanto seu *galuchat*, a pele de peixe preparada

e tingida usada em revestimentos. E há um personagem bastante idoso cujo perfil cansado se apresenta toda sexta-feira à noite, há anos, na porta do prédio situado à frente de sua casa para participar do ritual jantar de artistas e escritores oferecido pelos Rouart em seu inacreditável palacete de paredes completamente cobertas por quadros impressionistas. Depois da morte do colecionador Henri Rouart, o personagem de venerável barba branca continua a freqüentar o local, visitando os filhos em homenagem ao pai, de quem era fiel amigo. Mais de uma vez, Henri Cartier-Bresson ouve seu pai entrar em casa pensando em voz alta:

– Acabei de cruzar com Degas, o pintor...

Se tivesse contado que acabara de encontrar o presidente Poincaré não teria causado tanta impressão: para o Henri adolescente, a pintura é tudo. Um homem, um dos jovens irmãos de seu pai, a personificará para sempre a seus olhos. Não o tio Pierre, que dirige a fábrica de Pantin, onde vive, instalado nas terras familiares com os seus, mas o tio Louis, que se recusara a seguir o caminho traçado pela família para se dedicar à sua paixão exclusiva pela pintura. Antigo hóspede da Villa Médicis⁵, diversas vezes laureado do Instituto⁶, vencedor do Prix de Rome⁷ de 1910, ele foi o primeiro a iniciá-lo na arte, não mais como simples objeto de contemplação, e sim considerada de outra maneira: de dentro.

Henri o conhece aos cinco anos na noite de Natal de 1913. Pela primeira vez, é autorizado a segui-lo a seu ateliê. O santuário. A partir de então, o visitará cada vez com mais freqüência, mesmo que apenas, num primeiro momento, para sentir o aroma dos pigmentos. Uma sensação tão agradável quanto essa tem algo de perene: por toda a sua vida, ela o fará lembrar do mundo da infância, uma espécie de paraíso perdido, um ideal edênico que sempre evocará com nostalgia, como o narrador de *Em busca do tempo perdido*, ébrio das emanções de seu chá.

A Primeira Guerra causou prejuízos a todas as famílias sem distinção. Os Cartier-Bresson não foram exceção, já que os dois

5. Palácio que abriga, desde 1803, a Academia Francesa em Roma. (N.T.)

6. Trata-se do Instituto da França, que abriga a Academia Francesa, a Academia de Ciências e a Academia de Belas-Artes, entre outras. (N.T.)

7. Bolsa de estudos para a área das artes. (N.T.)